

ANÁLISE, TEMPO, LUTO...

*Mauro Meiches**

Eu custava a imaginar que alguém pudesse se suicidar antes de uma sessão de análise. Em sua maioria, meus pacientes chegam com a esperança de que terão uma boa sessão, e de que nessa sessão decisiva descobrirão suas próprias verdades, eliminando assim as desgraças que infernizam as suas vidas. Esperança incrivelmente fútil, mas tenaz, a ponto de eu chegar a considerar que, pensando bem, a análise se resumia a uma questão de próxima sessão. (Gattégno, 1993; p.112)

Retirada de um romance policial, cuja personagem central é um psicanalista asediado por um paciente que usa a análise de maneira premeditada para acobertar suas tramas criminosas, a epígrafe descreve uma consideração acerca da temporalidade. E de uma relação entre tempo e afeto estabelecida com o tratamento analítico.

Definida por uma incompletude no *presente* que volta os olhos para um *futuro* próximo encontro, esta relação temporal e afetiva com a seqüência de uma análise comporta, por este movimento mesmo, uma propulsão estrutural, cujo motor consciente é dar conta de um *passado* que, se supõe, faz sofrer. Temos então os três tempos a tentar compor versões, traduções que se alternam e se eliminam (se o movimento da análise segue a contento), da história pessoal de alguém. Como paradigmas de certeza de uma temporalização que cobre *toda* a possibilidade de estar no mundo, nestes três tempos se desenhará a narrativa, paradoxalmente muito pouco cronológica, que ao final não poderá ser contada totalmente, isto é, como uma história que começa e termina. A análise sinaliza o sentido de um interminável.

À maneira da relação com um objeto de desejo, esta mediação desejanste com as sessões, espaço-tempo onde soluções poderão se decantar, fala primeiramente de uma aproximação esperançosa em que se aposta sobretudo num sucesso. Só que sucesso, por parte do desejo inconsciente, pode ter sentidos insuspeitos. Em análise, o que se busca é, de fato, uma ultrapassagem de determinado estado de alma, rumo a um ganho psíquico da ordem do bem-estar, da complexificação da potência vital, da inteligência e da vida afetiva. Isso implicará enfrentamentos que parecem caminhar numa ordem

*Psicanalista, doutorando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. Co-autor de *Sobre o trabalho do ator* (São Paulo, Perspectiva, 1988).

de coisas absolutamente inversa a estas metas 'razoáveis' que compõem o horizonte imaginário de um tratamento. O que antecede a sessão *poderia ser* visto como o antônimo do suicídio e envolve ansiedade, expectativa, quando há de fato comprometimento, e uma certa excitação corporal.

Este momento prévio, com seu montante crescente de energia, pode ter como destino uma profunda decepção. Decepção que envolve, no entanto, um alívio. No sentido primeiro de uma frustração, quando as interpretações mágicas não parecem, a decepção orienta o sujeito em análise a acostumar-se a uma temporalidade sem pressa, porém não preguiçosa; cada sessão, apesar de ter seu limite evidente, pode conter aquilo que, numa trama que se arma na posterioridade, é o germe, coisa elementar ou um dos percalços que move uma transformação. O alívio adviria deste aprendizado, que envolve lidar com paciência e urgência, movimentos pendulares do desejo, até um desfecho lógico, isto é, a seu tempo, que inscreve *a apropriação do tempo da análise como paradigma da apropriação de um tempo pessoal de existência*, onde as coisas podem acontecer num ritmo que obedece a uma lógica genuinamente privada.

Junta-se a esta idéia quase matematicamente exposta uma espécie de dialética do desperdício. A análise passa por momentos necessários de estagnação, de não produtividade. A avaliação dessas passagens, no entanto, só é possível *a posteriori*, uma vez decantado o resto que o desperdício acaba por constituir. Como resto, porém, ele se junta à demanda, vista aqui em perspectiva. Era imprescindível desperdiçar tempo, palavras, idéias, para ter acesso àquilo que pôde decantar tudo isto como resto.

Perceber esta possibilidade implica o reconhecimento de uma condição: apenas em parte gerenciamos nosso projeto de existência. E este gerenciamento passa longe de uma produtividade capitalista.

Além daquilo que é assunto por excelência de análise, e que toca nossa equação com o desejo que nos habita, algo pode se precipitar em nossa direção, subitamente, acontecendo-nos sem que estejamos preparados. Este algo nos desloca radicalmente e funda com sua ocorrência uma nova maneira de viver. O acontecimento pode se precipitar por um ato, um fato, uma interpretação, por nada disso, mas o que importa sublinhar é sua autonomia perante os recursos de nossa consciência e também de nossa inconsciência. O acontecimento independe em sentido forte e nos afeta na mesma intensidade de sua independência.

A potência com que ocorre parece, por vezes, guardar o poder de nos aproximar de algo registrado em nós, mas cuja inscrição não nos é acessível, em hipótese alguma. O acontecimento pulsa como uma primeira vez. Ou será que de fato ele é primeiro? Ou único?

À maneira do estranhamente familiar freudiano, uma possibilidade do acontecimento é revelar preciosidades originárias que se inscreveram e sumiram repressivamente em nossa vida psíquica. Uma espécie de descoberta de nossa alteridade, expressão paradoxal mas diretamente reveladora de nossa condição de estar no mundo. Nos-

sa 'outridade' não nos pertence, não é manipulável de acordo com o nosso desejo. A unicidade ou primeiridade dessas aproximações é uma questão que se decide não responder numa experiência de análise, ou que a análise propicia que se deixe em aberto, aceitando, porém, sermos por ela afetados. Justamente este desimpedimento dos canais receptores sensoriais, afetivos e representacionais para reconhecer e contatar o novo parece ser a mais feliz e insustentável das posições. É preciso alterná-la com períodos de impermeabilidade, como a tentar deter quixotescamente a história e seu movimento constituinte, que parece nos levar para longe de um momento originário, no qual supostamente o enigma de nossa alteridade decretou nossa 'ex-sistência' em relação a nós mesmos.

Há uma semelhança entre este reconhecimento de como opera a temporalidade que cada um executa em análise e nossa relação com os objetos de desejo. Nosso encontro frontal com eles costuma nos paralisar, pois a possibilidade de não haver mais o que desejar, uma vez consumado o circuito do desejo, é, simultânea e paradoxalmente, a realização de tudo o que queríamos e, portanto, a morte. Faltaria a esse encontro mediação, sobretudo mediação significativa, que contorna o objeto com a película, ainda que tênue, da representação; esta permite que não fiquemos paralisados de horror, pois passamos a nos relacionar com ela e não mais diretamente com o objeto, que nos escapa para sempre. O que sucede num pesadelo se aproxima deste encontro frontal, e nos livramos dele imediatamente, acordando. Há um excesso de reconhecimento daquilo que somos que ultrapassa o limite do tolerável. O tempo do pesadelo parece o tempo do raio que fulmina por excesso instantâneo de luz. Pode-se dizer que o instante é também o tempo da finalização lógica do *insight*, tempo de compreender. Mas este último se liga a todos os elos significantes dos quais é a finalização, enquanto o instantâneo do pesadelo, para tomá-lo como paradigma do encontro frontal com o objeto de desejo, parece advir do céu, como o raio que fulmina. Nossa única reação é tentar sair dele assim como da angústia que lhe é correlativa na ordem dos afetos. O instantâneo do pesadelo não se liga a nada, não dá liga, e precisará de um outro tempo para tentar ser integrado no circuito psíquico do qual emergiu. Esta tentativa de ligação, aliás, bem poderia ser considerada nossa incessante operação em busca de uma sempre impossível homeostase psíquica.

É também o acontecimento que pode precipitar uma psicose, quando passam a estar vedadas quaisquer outras crises 'acontecimentais'. A história se detém, apenas o envelhecimento prossegue em seu processo inescapavelmente esclerosante. Esta paralisação, curiosamente, também pode ser obtida pela constituição de uma história (delírio). Esta começa a se contar e recontar, reiterando-se para que nenhuma outra história advenha e precipite outro acontecimento. Há talvez uma aproximação excessiva do originário, um vislumbre (tempo no qual se vê em demasia e que já possui todas as conotações atribuíveis ao imaginário) de uma decifração, cuja posse inviabiliza a existência.

Não estamos totalmente de acordo com a realização daquilo que queremos, embora nossa versão consciente ache esta assertiva um despropósito. Precisamos olhar de lado, por meio de frestas, de disfarces, essas anteposições daquilo que imaginamos querer, ou que nos excita sem que saibamos previamente. É preciso que haja insatisfação para suportar uma realização desejante qualquer, assim como é preciso despreparo para que algo aconteça. É imperioso que haja resto. Os restos nos acalmam, pois indicam um caminho a continuar.

Como estar aberto a esses encontros sem levar um susto paralisante a cada vez que acontecem? Como não estar preparado em demasia para o acontecimento, uma vez que a preparação parece por si só emperrar o andamento das coisas? Se o acontecimento pressupõe algum estado, este é o de uma radical não preparação; ele sugere uma situação de desamparo radical. Uma situação originária.

Como não há receita (afinal, estamos postulando a mais singular das situações), nosso desejo inconsciente cumpre aqui uma função: ele regula (e desregula) uma recepção perceptiva a partir da qual podemos nos entusiasmar por ou renunciar àquilo que nos acontece. Quando esta interferência é forte e invasiva em demasia, e a mediação desejante não consegue apropriar-se de sua força, passamos, louca e quixotesca-mente, a tentar antecipar o já acontecido.

Quanto a este desejo inconsciente, há nele uma parte que já conhecemos; outra pela qual pagamos a um analista para desvendar conosco; e uma terceira, da qual alguns acontecimentos de nossa vida nos darão notícia. Este picante tempero desejante que envolve, entre outras coisas, nossa relação com a temporalidade e seu subcapítulo, o tempo de uma análise, sustenta nosso comprometimento com as coisas do mundo. Ele nos vincula, sustentando simultaneamente a manutenção de um enigma que nos situa uma possível origem. Esta, uma espécie de lugar de não-representação radical, que se recria como tal a cada avanço do universo representacional. A operação do desejo, que coloca a representação em funcionamento permanente, ao gerar-se, tenta incessantemente suprimir o espaço da não-representação.

O avanço daquilo que representa não se efetua de forma organizada, linear, cronológica, totalizadora. Um de seus meios é a metáfora, cujo sentido etimológico é a sentença 'eu transporte'. No transporte entre duas representações já constituídas cria-se o espaço para uma terceira, mediadora. Esta abre, por sua vez, espaço, localidade, para o estabelecimento de novas mediações e transportes: a imagem das redes de comércio formando seus pontos de entrecruzamento, nas quais aconteciam as feiras e suas trocas intensas entre alteridades, na Baixa Idade Média, figura exemplarmente a metáfora. Para haver percurso tem que haver transporte. E como não há meio de levar tudo, o caminho da metáfora pressupõe principalmente transformação, mas também exclusão, perda e desperdício. Implica, portanto, luto.

Lembro de uma criança de cinco anos, em análise, cuja capacidade de narrar aumentava à medida que o material de sua caixa transformava-se paulatinamente (em

ritmos diversos) em entulho, dificilmente reaproveitável. As narrativas, claro, se referiam às suas fantasias e a crescente complexificação das mesmas indicava o advento de um sujeito onde antes parecia haver uma dispersão de pulsões. A criação de um entulho, forma paradigmática do desperdício em termos não-analíticos, executa um resto, aquilo que tem de existir para ser deixado para trás, constituindo a possibilidade de metaforizar. Isto é, defrontar-se com a perda de algo e com o luto de uma situação.

Há, no entanto, diferentes qualidades de luto que se tornam mais ou menos perceptíveis, dependendo da distância que mantemos do que se perdeu ou morreu. A análise pode tornar nítido um trabalho de luto, propiciando uma experiência referida ao trágico, que visa marcar, com todas as letras possíveis, a presença atuante de um elemento sem o qual, dada a intensidade afetiva, o trabalho da metáfora tenderia a descarnar-se defensivamente.

O luto veemente da mudança dos nomes próprios, descrito por Freud em *Totem e tabu* – no qual a tribo inteira, de comum acordo, opera uma metaforização coletiva, levando-a a mudar de tempo quando da morte de um de seus membros –, impede ao missionário a constituição de uma história. Ele tem como contraponto aquele que, por um desejo de historiar em demasia, não admite uma história imperfeita, com “espaços para enigmas, acasos, surpresas e disparates” (Figueiredo, 1993; p. 37). Ambos, e a gama intervalar infinita que os acompanha, situam, como nomeia Laplanche, “um limite do luto”, algo ‘imetabolizável’, que se inscreve a partir de cada movimento metafórico¹. A metáfora, mesmo a mais perfeitamente construída, que não deixa perceber em sua tessitura o referente do qual ela é metáfora, decanta um resto, produto de sua apesar-de-tudo imperfeita constituição. O resto tem um duplo estatuto: aquilo que se joga fora mas que pode passar a gravitar em torno daquilo de onde foi ejetado. Este resto age sobre o movimento que transporta, podendo tanto ser metabolizado mais à frente, a partir de novos acontecimentos, ou acumular-se, pesando sobre a formação de novas metáforas e emperrando o transporte. Impossível é não produzir restos. Consola saber que eles poderão ajudar na produção de novas metáforas. Entretanto, mais honesto seria pensar no peso que vão exercer sobre a estrutura móvel da existência.

Desses dois movimentos parte nossa temporalização da existência. De um luto que se resolve com limites, ou de um luto que não suporta suas perdas e melancoliza-se. A melancolia teria como modelo uma história perfeita, que não admite a imperfeição correlata ao funcionamento da metáfora.

Em todo caso, uma tragicidade parece despontar mesmo no mais feliz dos caminhos. O indecifrável do enigma que nos habita originariamente ou do limite intransponível do luto funciona como imagem seminal desta condição. Para avançar ou permitir que nossa existência se transforme, é necessário aceitar não saber, perder, enlutar, para poder desfrutar daquilo que canais receptores desimpedidos podem propiciar como fruição do inédito, ainda que ele tenha se inscrito em nós há longo tempo. Para viver é preciso permitir que deixemos de ser constantemente, nos concebermos

como alteridade (que indica também alteração), tal como a revelação de um oráculo desloca o herói trágico de um caminho que ele imaginava traçar e trilhar. Trata-se de um 'isto' ('Tu és isto') que ressignifica inapelavelmente a sua vida e dá a ela uma direção que, no mais das vezes, o herói precisa suportar.

A despeito do peso dessa imagem, que tem também seu sentido reconfortante (porque desalienante), é da busca desse absolutamente pessoal e outro que se sustenta o projeto de uma análise. Trata-se de um misto entre o reconhecimento de um tecido já tramado e a liberação de seus fios para uma nova confecção. Como resultado pode-se até falar de uma alteridade relativa, isto é, uma alteridade que se compõe de semelhanças elementares. A recombinação de elementos movida a acontecimentos pode tornar irreconhecível uma primeira forma, e isto não parece ser um caso-limite.

Para voltarmos à relação que se estabelece com a temporalização desta experiência, que vemos como transbordante para a existência do sujeito, um luto parece inscrever-se no desenho traçado sessão após sessão. Luto pelo tecido destecido, mas não apenas este, relativo ao passado. Seguindo ainda o modelo da reserva do nome, do qual fala Laplanche (1992), a análise parece criar o mesmo tipo de áreas: levando em consideração que há um espaço que se cria a partir da metáfora que executa o luto (o exemplo é o do transporte de uma população inteira pela sua história, com vistas a preservar os homens de um contato insuportável), a análise ensina a impossibilidade do todo. Ao desenrolar-se, sessão após sessão, ela inventa as lacunas de uma nova geografia, índice da instauração de um mundo. Este, por sua substância significativa, gera aquilo que a ele mesmo falta, faz furo, torna-o felizmente imperfeito. Ao gerar-se, constitui em si seu sentimento de enlutamento, sua temporalização e historicidade.

Seria possível pensar, voltando à nossa epígrafe, que, com o caminhar da análise, poucos conteúdos ou lembranças conseguem permanecer intactos. Resta um modo de comunicação, relacional, que aponta, no limite, para a existência de algo do qual advém, como doação, sentidos variavelmente efêmeros. Daí a imagem da análise como a espera da próxima sessão, marco visível de um próximo movimento, que não sabemos se acontecerá nela, antes ou depois. Em todo caso, este marco mobiliza uma qualificação bastante diferenciada de afetos, gerando contrastes que são, para Freud, a receita humana para alguma felicidade, cujo antônimo seria o tédio do mesmo.

Talvez essa estranheza que eu sentia – e muitos outros sentem – de dormir num quarto desconhecido não seja senão a forma humílima, obscura, orgânica, quase inconsciente, dessa decidida negativa oposta pelas coisas que constituem o melhor de nossa vida presente à possibilidade de revestirmos mentalmente com a nossa aceitação a fórmula de um futuro onde elas não mais figurem. (Proust, 1957; p. 193).

Notas

1. Algo que atribuíríamos ao Real, que carrega a marca do inominável, mesmo que tenha sido nomeado algum dia. Pode-se pensar que o nome do morto, que não mais se pronuncia, é o nome da morte, índice dela, que deve permanecer permanentemente apartado. Afinal, ainda pode afetar a todos.

Referências bibliográficas

- FIGUEIREDO, Luís Cláudio M. (1993). Fala e acontecimento em análise. São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. (Apostila de curso.)
- GATTÉGNO, Jean-Pierre (1993). *Neutralidade suspeita*. Trad. Rosa Freire D'Aguiar, São Paulo, Companhia das Letras.
- LAPLANCHE, Jean (1992). O tempo e o outro. In: __. *La révolution copernicienne inachevée*. Paris, Aubier.
- PROUST, Marcel (1957). *Em busca do tempo perdido*. Trad. Mário Quintana. 2ª ed. Porto Alegre, Globo, 1983. v. 2.

